



Construir a Diferenciação: Utopia ou realidade?

Prof. Gorete Fonseca

1.	A ESCOLA QUE TEMOS E A QUE QUEREMOS.....	p. 3
2.	COMO CONCRETIZAR A MUDANÇA.....	p. 5
2.1	A pertinência dos Projectos.....	p. 6
2.2	Distinção entre um Projecto Curricular de Escola e de Turma.....	p. 8
3.	A DIVERSIDADE NA SALA DE AULA: UM DESAFIO ACTUAL.....	p. 10
3.1	Diferenciar: qual o seu significado? Como diferenciar? Com que finalidade?.....	p. 11
3.2	Condições Necessárias à Diferenciação	
4.2.1	Organização e gestão do espaço, do tempo e dos materiais.....	p. 20
4 - POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS DE DIFERENCIAÇÃO		
4.1 -	Planificação Anual, Agenda de Trabalho Semanal e Plano do Dia.....	p. 24
4.2 -	Tempo de Estudo Autónomo e Plano Individual de Trabalho.....	p. 26
4.3 -	Trabalhos em Projectos e Comunicações.....	p. 28
4.4 -	Conselho de Cooperação e Diário de Turma	p. 30
5.	CONCLUSÃO.....	p. 33
6.	BIBLIOGRAFIA.....	p. 35



1. A ESCOLA QUE TEMOS E A QUE QUEREMOS

Actualmente estamos perante uma era de mudança e de renovação pedagógica. Uma vez mais em educação, assistimos a uma proliferação de normativos que visam alterar o seu rumo, com o intuito de tornar o ensino mais efectivo e significativo.

A escola deve ser pensada como um espaço de reflexão e de diálogo entre os diferentes actores em presença devendo inferir-se que essa reflexão favorece a emergência de uma nova cultura escolar, marcada pelas dimensões do ser, do estar, do fazer, do conviver, do comunicar, do aprender e do fazer aprender. É este novo entendimento de escola e de currículo, preconizado nos princípios e nos normativos orientadores da política educativa actual, que se deseja ver instituído na organização escolar e nas práticas pedagógicas. Nós, a classe docente somos, neste processo, uma peça fundamental, vistos como configuradores de práticas de gestão curricular que visam a melhoria da qualidade da educação.

Todavia, para que possa surtir efeito, e como em qualquer mudança, impõe-se a vontade de querer mudar, isto é, nada se faz, ou consegue, sem um forte desejo de querer fazer e de uma forte consciência ideológica do que isso implica do ponto de vista social. O acto educativo deve ser visto como um acto social e a escola como uma organização capaz de operar mudanças sociais ou, pelo menos, preparada para responder aos desafios colocados pela sociedade.



Estes novos papéis implicam mudanças, nomeadamente ao nível das formas de organizar e pensar o currículo, tal como foi sendo debatido ao longo das sessões. O desenvolvimento de um currículo uniforme não está consentâneo com a realidade actual, nem garante o direito a uma justa e efectiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares, preconizado na *Lei de Bases do Sistema Educativo*.

Urge criar formas de trabalho nas nossas escolas que estruturam novas relações entre os professores, bem como, novos processos e modos de trabalho pedagógico.

Pensar a escola desta forma é vê-la como organização, com uma identidade própria e com uma autonomia e poder de decisão, onde todos se devem envolver.

A *Reorganização Curricular*, implementada apresenta potencialidades inovadoras, mas que só terão eco se a comunidade educativa se empenhar na sua globalidade a reflectir o ensino, os seus verdadeiros objectivos e reconsiderar as concepções e práticas curriculares ainda predominantes na cultura escolar, marcadas pelo individualismo, a uniformização e a compartimentação. Caminhar lenta, mas de forma consistente, para um currículo mais integrado nas suas vertentes de articulação vertical e horizontal, no qual todos os alunos, na sua diversidade, se possam rever, revela-se uma aspiração legítima e uma responsabilidade moral da escola actual.

Possibilitar ambientes de aprendizagem que favoreçam a integração de saberes, o desenvolvimento da compreensão e do pensamento crítico, o aprender a ser, a colaborar, a fazer e a exercer a cidadania é o grande desafio para a escola democrática que todos queremos construir.